

## O que vale ser criança se nos falta infância? Um diálogo sonhado entre Paulo Freire e Mia Couto<sup>1</sup>

Walter Omar Kohan<sup>2</sup>

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-2263-9732>

### Resumo

Neste texto, propomos um diálogo imaginado entre Mia Couto e Paulo Freire a respeito do tempo da infância e da relação com a infância que afirmamos na educação de pessoas de todas as idades. Trabalhamos com o conto “O rio de quatro luzes” (Mia Couto) e trechos de “A partir da infância” (Paulo Freire e Sérgio Guimarães) para pensar no vazio que a adultez nos coloca a partir de uma experiência temporal apressada e produtivista e o esquecimento da experiência temporal infantil, o que, no limite, nos leva à desesperança, a não mais sonhar, a não mais brincar, dentro e fora das práticas educacionais.

**Palavras-chave:** Paulo Freire. Mia Couto. Infância.

### Abstract

In this text, we propose an imagined dialogue between Mia Couto and Paulo Freire about the time of childhood and the relationship with childhood that we affirm in the education of people of all ages. We work with the short story "O rio de quatro luzes" (Mia Couto) and excerpts from "A partir da infância" (Paulo Freire and Sérgio Guimarães) to think about the emptiness that adulthood places in us based on a hurried and productivist temporal experience and the forgetfulness of childhood temporal experience, which, in the limit, leads us to hopelessness, to no longer dream, to no longer play, both inside and outside of educational practices.

**Keywords:** Paulo Freire. Mia Couto. Childhood.

Assim,  
tudo o que sou  
já fui  
na criança que sonhou ser tudo.  
(COUTO, 2011, p. 19)

### Primeiras palavras

Para os demais seres marinhos,  
o inteiro oceano  
não é mais que um pátio de infância.  
(COUTO, 2011, p. 37)

Paulo Freire escreveu muitos livros que ele mesmo chamava de “falados”, livros que recolhem conversas vivas com interlocutores presentes. Devo dizer que a voz do educador pernambucano parece-me soar mais alta nesses livros falados que nos livros tradicionais, de uma única voz e escritos em certo silêncio, talvez porque o próprio Paulo Freire se inscreve numa cultura fortemente oral e a sua relação com a palavra falada tem uma força que não se compara à da palavra escrita. Claro que é difícil manter essa força quando a fala é transcrita,

<sup>1</sup> Agradeço a Marta Silva e Magda Carvalho por suas sugestões e revisão do texto.

<sup>2</sup> Pós-doutor em Filosofia (Univ. Paris 8). Professor Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisador do CNPq e da FAPERJ. E-mail: [wokohan@gmail.com](mailto:wokohan@gmail.com)

mas, em contraposição, permanece a possibilidade de uma certa energia gerativa que leitoras e leitores podem sentir na forma de uma interlocução possível se colocando como parte igualmente “falantes” e à escuta de uma conversa ainda em aberto que vai muito além das páginas lidas. Essas conversas parecem ter uma potência gerativa singular.

É o caso de *Por uma pedagogia da pergunta* (conversa com Antonio Faúndez: FREIRE; FAÚNDEZ, 2017/1985) e *O caminho se faz caminhando* (conversa com Myles Horton: FREIRE; HORTON, 2018/1990), dois dos meus livros favoritos de Paulo Freire; favoritos entre os favoritos, os livros falados. Porque, claro, há diferenças entre os livros falados. Em alguns, as vozes não soam com a mesma força e parecem mais monólogos com a forma de conversa. Mas, naqueles, a conversa vibra. Trata-se de interlocutores diferentes, de origens distintas, que desenvolvem trabalhos singulares e que têm em comum afirmarem conversas de igual para igual com Paulo Freire, com histórias e ideias para contar que não apenas complementam e querem ouvir o pensamento freireano, mas que também o fazem vibrar mais fortemente, o problematizam, lhe exigem se repensar uma e outra vez: ambos interlocutores têm igualmente coisas a dizer e abrem as conversas para linhas diversas a partir das quais as leitoras e leitores podemos pensar em distintas direções à medida que caminhamos com a leitura. São conversas que lamentamos quando o livro termina, por saboreá-las tanto que ficamos com esse gostinho de querer mais, de sentir um certo desgosto quando chega um final que parece sempre prematuro, antes do tempo.

Quando lemos esses exemplos concretos de conversas que efetivamente tiveram lugar, ficamos também fantasiando outras conversas fictícias, que não tiveram lugar na realidade, mas que imaginamos de forma tal que, em certo modo, acontecem e se desdobram em nossa imaginação. Podem ser personagens de outros tempos e lugares, mais próximas, mais distantes. A questão é fazer vibrar a vida, o pensamento. No caso de Paulo Freire, é o que sentimos quando encontramos intercessores fecundos, profícuos, que ampliam nosso modo de pensar algumas palavras às quais o mestre das utopias deu singular atenção. Como ele já não está entre nós, o que nos resta é mediar esses encontros e, como nesse caso, escrevê-los de maneiras distintas escutando as vozes que ressoam em nossa imaginação.

É isso então que faremos neste ensaio, que escreveremos escutando uma conversação imaginária e imaginada entre Paulo Freire e Mía Couto, o escritor moçambicano, em torno da palavra “infância”. Sentimos que dessa conversa a própria infância sai enriquecida, fortalecida, enaltecida. E também as nossas escritas e nossas vidas que andam sempre em busca de motivos para se reinventar. O que faz de um texto escrito uma conversação? Não é uma pergunta fácil de responder. Uma maneira de buscar respostas seria pela forma externa do texto. Outra, a que aqui exploraremos, é na própria composição das ideias tecidas e apresentadas. De modo que o presente texto não será formalmente uma conversação, mas uma conversação singular o atravessará e, esperamos, convidará leitores e leitoras para outras conversações, outros pensamentos e outras vidas.

## O tempo da infância em “O rio das quatro luzes”

Não são as criaturas que morrem.  
É o inverso:  
só morrem as coisas.  
As criaturas não morrem  
porque a si mesmas se fazem.  
E quem de si nasce  
à eternidade se condena.  
(COUTO, 2011, p. 27)

Mía Couto é um escritor moçambicano muito difícil de enquadrar ou classificar, em particular em relação ao lugar que tem a infância na sua escrita, nas suas histórias, nos seus

poemas. Seus textos não são de “literatura infantil” e, contudo, a infância está (quase) sempre presente neles. Afirma algo assim como uma infantilidade da literatura, estão escritos para serem lidos por leitoras e leitores infantis de todas as idades. Também é um autor cada vez mais citado em textos educacionais<sup>3</sup>.

Daremos atenção a um conto *O rio das quatro luzes*, de Mia Couto<sup>4</sup>, que tem uma epígrafe adaptada de um provérbio moçambicano: “*O coração é como a árvore – onde quiser volta a nascer*” (COUTO, 2013, p. 129). Uma epígrafe oferece sempre palavras que se colocam antes das palavras que a epígrafe apresenta, mas que só podem ser lidas propriamente depois de ler essas mesmas palavras que ela antecede. Por isso, deixamos descansar essas palavras e as retomaremos uma vez apresentado o conto que elas anunciam.

No conto, tudo começa quando um menino expressa à sua mãe seu desejo infantil de fazer parte, dentro de um caixão, de um cortejo fúnebre. Ele quer ser enterrado para sentir o privilégio de ter alguém que chore por ele. Só de manifestar esse desejo o menino parece realizá-lo, pois a mãe rompe em choro pelo seu desejo de morte. Contudo, pouco sabemos do sentimento do menino perante a tristeza de sua mãe. O que o conto nos apresenta é como ela reage ao desejo menino de morte: de forma autoritária. Proíbe-lhe que continue a pensar em coisas como essa. E mais tarde conta para o pai que, imediatamente, visita o menino de noite no seu quarto querendo desconvençê-lo de seu desejo de participar, como morto, de um cortejo fúnebre. Com o pai, o menino dá novas palavras ao seu desejo, insiste nele e em não querer ser mais criança, em almejar envelhecer muito rápido para ficar mais velho que seu próprio pai. O pai reage também autoritariamente, como a mãe: não escuta seu filho e reforça a proibição materna introduzindo Deus como criador do milagre da vida, mas também como vigia moral dos que se atrevem a não aceitar o presente da vida. O menino não quer saber da história de Deus e a conversa acaba com a ameaça paterna de esquecer o desejo de morrer ou sofrer o castigo divino. O desejo menino é negado, reprimido, ameaçado.

Então, o menino acode ao avô, que o acolhe de forma diferente. O avô propõe-lhe uma parceria. Pelas leis da vida, o avô deveria morrer primeiro e o menino bem depois. Ele, então, proporia a Deus inverter os termos e que quando chegasse a sua hora de morrer fosse o menino e não ele a morrer. O avô apresenta como simples o que qualquer adulto acharia impossível: alterar a ordem da vida e da morte. Mas o menino acha o impossível extraordinário. Basta a palavra do avô e a sensação de que seu desejo não é proibido, mas acolhido. Com essa palavra, o acordo fica selado: na hora de o avô morrer, seria o menino que morreria. O menino ficou ansioso esperando a morte do avô, que de fato se tornaria a sua morte e a sua felicidade de participar de um cortejo fúnebre. E enquanto esperavam que Deus aceitasse o pedido, o avô começou a introduzir o menino no mundo da infância, que nenhum outro adulto tinha possibilitado. Assim, menino e avô entraram nas grutas junto ao rio, perseguiram juntos borboletas, adivinharam pegadas de bichos e os dois se meninizaram. O avô também tentou ensinar algo de infância para os pais do menino:

Uma certa tarde, o avô visitou a casa dos seus filhos, sentou-se na sala e ordenou que o seu neto saísse. Queria falar, a sós, com os pais da criança. E o velho deu entendimento: criança é como amor, não se despenha sozinha. Faltava aos

<sup>3</sup> Dentre os textos que lemos para escrever o presente artigo estão: MARQUES (2012); HILLESHEIM (2013); JULIANO (2018); PEREIRA; MAGALHÃES; ALMEIDA (2019); SKLIAR; BRAILOVSKY (2021).

<sup>4</sup> Betina Hillesheim faz uma bela leitura em termos educacionais deste conto a partir de inspirações fortemente deleuziana. Seu último parágrafo, conclusivo, é muito inspirador: “Uma educação que faça do devir uma afirmação, não buscando explicar ou interpretar, mas tão só experimentar. Uma educação que roube a infância, tal como o Avô que, afinal, não havia feito nenhuma troca com Deus (mesmo porque não se tratava de um objeto passível de troca) e, trapaceando junto com o menino, desobedece ao tempo cronológico e esquiva-se do corpo e do juízo. Uma educação do riso, da dança, dos folguedos. Enquanto isso, o menino distrai-se nos brincados.” (HILLESHEIM, 2013, p. 620).

pais serem filhos, juntarem-se miúdos com o miúdo. Faltva aceitarem despir a idade, desobedecerem ao tempo, esquivar-se do corpo e do juízo. Esse é o milagre que um filho oferece – nascemos em outras vidas. E mais nada falou. (COUTO, 2013, p. 131)

Os pais não atentaram para a grandiosidade do ensinamento e deixaram passar a oportunidade, nunca tarde, de uma vida propriamente infantil. O avô deixa ver que há pelo menos duas infâncias, a das idades e a das borboletas, as pegadas, as grutas. A mãe e o pai do menino, presos na primeira, a infância das idades, não podiam viver a segunda, a infância desobediente do tempo. Assim, deixaram de aceitar o convite que um filho ou filha nos oferece cada vez que nasce um novo ser no mundo: nascer novamente com a nova vida que nascemos. Para aceitar o convite é preciso um certo desprendimento e também desaprendimento, desprender-se das idades, desaprender aprendizados que nos prendem a uma vida que não queremos já para nós e o mundo, desobedecer ao tempo instituído pelo sistema social que habitamos para poder viver, com os recém-chegados, uma outra infância. Como diz um outro poeta, Manoel de Barros: “Desaprender oito horas por dia ensina os princípios.” (BARROS, 2000, p. 9). E vale notar um detalhe importante: a infância sem idade é uma experiência coletiva, conjuntiva, conectiva.

No decorrer do conto, o avô, antes de morrer, pede aos seus filhos, o pai e a mãe do menino, para que digam ao neto que ele mentiu, que nunca fez pedido nenhum a nenhum Deus. E o conto termina afirmando que o menino não precisou de tal mensagem, que “sentiu reverter-se o caudal do tempo” (COUTO, 2013, p. 132) e que os seus olhos “se intemporaram em duas pedrinhas”.

Assim, o conto nos ensina que a infância é, evidentemente, uma forma de reverter-se a passagem do tempo, ou de intemporar-se. É o contrário do que muitos nos dizem: longe de se enquadrar dentro dos limites de uma idade, a infância exige, antes, se livrar do tempo individual das idades e encontrar cúmplices de todas as idades (e os avôs são ótimos para isso!) para habitar o tempo da brincadeira coletiva, do amor, da arte e, quem sabe?, o tempo da educação.

### **De *infantia*, luzes e corações**

Tanto o Tempo  
morava em nós  
que dispensávamos futuro.  
(COUTO, 2011, p. 25)

Podemos agora retomar a epígrafe do conto “O rio das quatro luzes”. Lembremos, antes, o que dizíamos no início da seção anterior: a epígrafe é uma palavra primeira que só pode ser lida plenamente por último, uma vez lidas as palavras que ela antecede. Não temos como não transportar a imagem da epígrafe para o início e o final da vida. Porque a infância é usualmente considerada como a primeira etapa da vida, o início da vida, quase que como uma epígrafe da vida adulta. Mas talvez exista uma infância que esteja ainda antes ou em outro tempo e anteceda o nascimento de uma vida.

J.-F. Lyotard (1989) chamou a essa infância de *infantia*: a diferença entre o que pode e não pode ser dito, o indizível, algo perdido que habita, imperceptivelmente, o dizível como sua sombra, seu lembrete, um não dito que obra como uma condição para que algo com sentido possa ser dito. Essa *infantia* atravessa também o que estamos escrevendo como sua condição e sentido, pois segundo Lyotard a memória dessa diferença entre o dizível e o indizível, entre a não determinação da qual fomos arrancados para nascer e a determinação que significou o nascimento, é a tarefa política da escrita, do pensamento, da literatura, das artes. Essa tarefa política é resistir ao esquecimento da *infantia*, de que estamos constituídos por essa diferença que nunca nos abandona; resistir a um sistema de desenvolvimento, progressivo, totalizante,

que quer apagar essa diferença, que não deixa nada fora e tudo o absorve em sua lógica, como o capitalismo que nos habita com seu tempo linear, produtivo, efetivo, sequencial, consumível. Essa tarefa política significa também resistir à necessidade de estar sempre correndo atrás do tempo, de fazer só um bom uso, produtivo, dele; de sermos unicamente eficientes e eficazes na forma de percorrer essa linha extensiva, sucessiva, consecutiva, irreversível de movimentos cronológicos que constitui a imagem sistêmica preferida do tempo (KOHAN, 2004). Significa também habitar outros tempos, infantis, improdutivos, aquele tempo remoto da indeterminação abandonada a um movimento em que o passado nem sempre antecede o presente, e o futuro pode não sucedê-lo.

Então, também para isso escrevemos: para recordarmos que somos infância. E brincamos de fazer isso com a escrita infantil de Mía Couto. Porque para que nasça uma vida, qualquer vida, é necessário um outro tempo de infância antes da infância das idades. Uma outra infância antes da infância. Para que uma vida humana recorde o inumano que faz parte indissolúvel dela. E essa infância só poderia ser lida no final da vida. Talvez por isso só o avô acolhe o desejo de morte do menino e o convida para viver a infância. Talvez por isso o fragor da vida nos afasta da infância e precisamos sentir a proximidade da morte para poder retornar à infância que a vida hospeda e que esquecemos na experiência do tempo acanhada pelo sistema.

Contudo, antes da epígrafe tem ainda outras palavras no conto: o seu título. E quem sabe possamos dizer alguma palavra sobre o título “O rio das quatro luzes” antes do entrar na epígrafe que inicia o texto. Porque os rios não parecem estar iluminados. A não ser que sejam olhados com luminosidade. A luz dos rios está em como os iluminamos (ou escurecemos). Isso talvez os torna rios de luzes. E quando são dois rostos que olham um rio, cada um com dois olhos luminosos, então o rio pode se tornar um rio de quatro luzes. De forma que, talvez, o título sugira uma forma de olhar infantil para os rios. Uma luminosidade própria daquela experiência temporal. E, quem sabe, essa luminosidade possa olhar não só para os rios.

É chamativo que as coisas que aparecem primeiro, como os títulos e epígrafes só possam ser lidos no final. E as coisas que aparecem no final talvez devam ser lidas à luz das que estão no início. Como na vida de um ser humano, em que a vida de um avô ou avó talvez só possa ser lida à luz de um menino ou menina assim como, neste conto, a vida de um menino só pode ser lida à luz da vida do seu avô. Porque parece que precisamos de toda uma vida para olhar com certa luminosidade para a infância, como se precisássemos nos aproximar do fim da vida para poder olhar a luminosidade do seu início. Como no círculo, em que o ponto que escolhemos para início é o mesmo do final... assim como escolhemos começar, assim podemos estar escolhendo como terminar? E ainda quando parece que já terminamos, estamos a tempo de começar? O avô parece estar dizendo aos pais do menino que é sempre tempo para começar.

Assim, chegamos à epígrafe do início: “*O coração é como a árvore – onde quiser volta a nascer*”, que providencia uma certa luz para ler a história do menino que queria morrer. Porque a vida, como a infância e o coração, volta a nascer onde (e quando?) quiser, diz a epígrafe. E para voltar a nascer é preciso morrer. Por isso, a morte, que na adultez é temida, horrorizada e castigada, na infância-meninice, sem idade, é desejada. Porque é uma condição para voltar a nascer. Por que o menino via isso assim? Será que para ele, o morto nascia em cada lágrima que o chorava?

Afirmávamos algumas linhas acima que a tarefa política da escrita é recordar que somos infância, aquela infância que nasce antes de nascermos. E enquanto escrevemos recordamos que recordar tem a mesma etimologia de coração. Nas duas palavras está a palavra latina *cor* de origem indo-europeu, de modo que recordar seria “voltar a passar pelo coração” e, sensíveis à epígrafe, voltar a passar pela possibilidade de retornarmos o tempo antes de (nosso) tempo: o tempo do estar prestes a nascer onde (e quando) quisermos.

Recordamos, também, a Solange Noronha que relacionou, hoje (sim, hoje!) numa aula do Mestrado em Filosofia para Crianças da Universidade dos Açores, essa infância que nasce antes de nascermos ao primeiro exílio que Paulo Freire diz ter sofrido. Com efeito, em vários textos Paulo Freire refere-se a três exílios. Dois são bastante conhecidos: o segundo, quando sua família se muda de Recife para Jaboatão na esteira da crise econômica; o terceiro, o mais conhecido, no exterior, após a ditadura de 1964. Mas, o primeiro é o mais surpreendente: “o tempo de gestação no útero de sua mãe”, lembra Ana M. Freire (FREIRE, 2000, p. 51). Hoje, tínhamos lido “O rio das quatro luzes” e depois de termos apreciado as ideias aqui referidas de Lyotard sobre a infância como uma dívida anterior ao nosso nascimento, Solange afirmou: “como o primeiro exílio de Paulo Freire”. Não era uma aula sobre Paulo Freire. Fiquei emocionado com a conexão.

Em outro conto de Mia Couto “Línguas que não sabemos que sabíamos” (COUTO, 2020), uma mulher em fase terminal de doença, já muito perto da morte, pede ao marido que lhe conte uma história em língua desconhecida para apaziguar as insuportáveis dores da doença. As palavras, inicialmente balbuciantes do marido, têm sucesso e ela adormece. Essas palavras a levaram a um conforto anterior à vida. E Mia Couto comenta:

Na nossa infância, todos nós experimentamos este primeiro idioma, o idioma do caos, todos nós usufruímos do momento divino em que a nossa vida podia ser todas as vidas e o mundo ainda esperava por um destino. James Joyce chamava de “caosmologia” a esta relação com o mundo informe e caótico. Essa relação, meus amigos, é aquilo que faz mover a escrita, qualquer que seja o continente, qualquer que seja a nação, a língua ou o género literário. Eu creio que todos nós, poetas e ficcionistas, não deixamos nunca de perseguir esse caos seminal. Todos nós aspiramos regressar a essa condição em que estivemos tão fora de um idioma que todas as línguas eram nossas. Dito de outro modo, todos nós somos impossíveis tradutores de sonhos. Na verdade, os sonhos falam em nós o que nenhuma palavra sabe dizer. O nosso fito, como produtores de sonhos, é aceder a essa outra língua que não é falável, essa língua cega em que todas as coisas podem ter todos os nomes. O que a mulher doente pedia é aquilo que todos nós queremos: anular o tempo e fazer adormecer a morte (COUTO, 2020, p. 12).

O que faz mover a escrita, diz Mia Couto, é uma relação, com a língua, própria da infância. Uma(s) língua(s) antes da língua, as línguas da infância. Nessa(s) língua(s), afirmamos uma vida em que todas as vidas parecem possíveis, em que todos os mundos têm seu lugar. Esse mundo infantil é o que faz mover a escrita no sentido de que toda escrita aspira regressar a essa condição em que todas as línguas eram nossas, antes que uma língua se consolide como a única língua possível. Porque todas as línguas significam todos os sonhos, todos os mundos, todas as utopias. Eis também a dimensão política da tarefa de escrever (e de pensar, perguntar, criar). O que a mulher queria, diz o poeta, é anular o tempo e fazer adormecer a morte; ou, poderíamos acrescentar, apressar a morte para poder voltar ao estado antes do nascer. Como queria o menino do rio das quatro luzes, como queria Paulo Freire quando foi forçado sair do útero de sua mãe. Como quer qualquer escritor, educador, artista sensível à infância.

## **Paulo Freire e o tempo da (pré) escola**

Para explicar  
os excessos do meu irmão  
a minha mãe dizia:  
está na mudança de idade.  
Na altura,  
eu não tinha idade nenhuma  
e o tempo era todo meu.  
Despontavam borbulhas

no rosto do meu irmão,  
eu morria de inveja  
enquanto me perguntava:  
em que idade a idade muda?  
Que vida,  
escondida de mim, vivia ele?  
Em que adiantada estação  
o tempo lhe vinha comer à mão?  
Na espera de recompensa,  
eu à lua pedia uma outra idade.  
Respondiam-me batuques  
mas vinham de longe,  
de onde já não chega o luar.  
Antes de dormirmos  
a mãe vinha esticar os lençóis  
que era um modo  
de beijar o nosso sono.  
Meu anjo, não durmas triste, pedia.  
E eu não sabia  
se era comigo que ela falava.  
A tristeza, dizia,  
é uma doença envergonhada.  
Não aprendas a gostar dessa doença.  
As suas palavras  
soavam mais longe  
que os tambores noturnos.  
O que invejas, falava a mãe, não é a idade.  
É a vida  
para além do sonho.  
Idades mudaram-me,  
calaram-se tambores,  
na lua se anichou a materna voz.  
E eu já nada reclamo.  
Agora sei:  
apenas o amor nos rouba do tempo.  
E ainda hoje  
estico os lençóis  
antes de adormecer.  
(COUTO, 2011, p. 112-114)

No livro *Partir da infância*, Sérgio Guimarães e Paulo Freire dialogam sobre educação e logo desde o início da conversa surge a pergunta de por onde começar: “Vamos partir de onde?” (FREIRE; GUIMARÃES, 2011/1982, p. 30). Sérgio propõe partir da infância e, interessadamente, coloca a partida em forma de pergunta: “Da Infância? Provavelmente, não?”. E Paulo Freire responde:

Eu acho. A gente poderia fazer assim uma espécie de balanço, não da infância enquanto infância minha ou tua tomada como objeto de reflexão nossa, nem para refazê-la em termos de história aqui, ou se contar a história da infância! Eu falaria da infância enquanto escolaridade, por exemplo.

“Não da infância enquanto infância minha ou tua” parece bastante claro. Paulo Freire não quer começar pela infância como biografia, como sua infância concreta e particular, mas

pensar na “infância enquanto escolaridade”<sup>5</sup>. Parece também muito claro que não se trata de fazer história desta ou aquela infância. Pode não parecer tão claro o que significa essa infância enquanto escolaridade; contudo, gostaria de lembrar os leitores e leitoras que escola é uma palavra que deriva do grego *skholé*, que originariamente significa “tempo livre”; ou seja, Paulo Freire pode estar se referindo à infância enquanto modo mais livre de experimentar o tempo e não a infância enquanto tempo vivido, pessoal e histórico. A continuidade do diálogo ajuda-nos porque Sérgio pergunta como foi a sua entrada na escola e quando Paulo ficou sabendo que a escola existia, ao que Paulo responde:

[Eu tenho impressão de que], para responder a essas perguntas, eu teria que primeiro me rever no momento que procedeu a ida à escola, mas que foi já um momento de aprendizagem, sistemática, se eu quase posso dizer assim. Foi o momento preciso em que me alfabetizei, com meus pais, à sombra das árvores do quintal da casa em que nasci (GUIMARÃES; FREIRE, 2011/1982, p. 30).

É muito interessante porque quando queremos começar algo parece que a infância nos remete a um antes do começo. Como com as epígrafes. Já aconteceu conosco várias vezes no presente texto. Pois! Aqui, mais uma vez. Aliás, Paulo Freire era alguém que também gostava dos inícios, de estar no começo: “Eu gostaria de dizer alguma coisa sobre meu começo – no qual ainda estou, porque estou sempre no começo, como você.” (FREIRE; HORTON, 2018, p. 78). Percebamos bem: não é apenas gostar, é estar sempre no começo. Estar sempre na infância, ser um menino permanente como souberam perceber os membros da biblioteca municipal de Ponsacco, que assim o premiaram com 68 anos (A.M.A. FREIRE, 2010). Permanecer menino, não deixar a infância, seu tempo, sua forma de habitar o mundo: estar sempre no começo. Ou antes, como neste texto. O relato que segue na conversa de Paulo Freire com Myles Horton é a sua lembrança de menino “conectivo”, usando a expressão mágica da conjunção, diz Paulo, para fazer a ligação entre crianças de duas classes sociais diferentes: as que comiam – pouco, mas comiam – e as que passavam fome. E a conexão estava no brincar, na felicidade que o jogar futebol na rua oferecia igualmente às crianças de todas as classes sociais.

Voltemos à conversa com Sérgio Guimarães. Paulo Freire nos diz que, para começar pela infância, é preciso ir para o antes da escola. Há uma escola antes da escola, uma pré-escola, que, no caso de Paulo, deu-se no quintal da casa em que nasceu. Uma escola quintal, à sombra das árvores. Uma escola com o tempo do jardim, das árvores, dos pássaros, da natureza e sem o tempo da instituição. Recordemos: o tempo da natureza é cíclico, circular, ele sempre retorna, a diferença do tempo institucional que segue uma linha reta com movimentos sucessivos, consecutivos e irreversíveis. Paulo descreve o espaço da pré-escola quintal como “livre e desprezioso”, muito livre e simples. Tinha o que era necessário: o som dos pássaros, o cheiro das mangueiras, gravetos para escrever no chão de terra batida; um pai e uma mãe que tinham tempo para escutar as palavras da criança. Nesse espaço também não tinha o que pode atrapalhar a experiência de tempo infantil: um relógio que marque as horas, um calendário, um programa, uma avaliação, uma normativa: porque o tempo da aprendizagem é o tempo cíclico e presente da natureza antes que o tempo linear composto de passado e futuro da instituição escolar.

### **Para terminar... como sempre... começando**

Só tenho palavras  
para o indizível.  
Só tenho voz

---

<sup>5</sup> Sobre a relação de Paulo Freire com a infância, cf, o capítulo “Infância” em KOHAN, 2019 e SILVA; MAFRA, 2020.

para emudecer.  
Só trago nome  
para o que nunca nasceu.  
Uma única certeza  
demora em mim:  
o que em nós já foi menino  
não envelhecerá nunca.  
(COUTO, 2011, p. 95)

Não há nada que não tenha um começo.  
(Isabel)

Chegamos ao final. Ao que deveria ser um final. Sinto-me compelido, ainda no final, a resgatar os inícios. Recordo o percurso do texto e a necessidade de voltar a começar surge com toda sua força: as epígrafes! São várias neste texto, uma para cada seção. E não tenho me referido a elas até agora. Felizmente estamos a tempo e não está mal que seja no final na medida em que, como dissemos, as epígrafes são escritas no início, mas entendidas por último. O caso é que queremos escutá-las, senti-las. Precisamos voltar a esses inícios antes do início de cada seção.

As epígrafes deste texto estão todas (menos uma) tomadas de um mesmo livro: o *Tradutor de Chuvas* de Mía Couto. Trata-se de um livro de poemas, talvez a escrita literária mais infantil. Desse livro escolhemos alguns versos para colocar no início de cada seção. Eles dizem respeito ao que antecedem, claro, e não queremos aqui explicá-los ou interpretá-los. Apenas recordar o que esses inícios podem abrir e o que nossa escrita pode ter também inaugurado. E ficar com essa sensação de que sempre é possível começar. Ou recomeçar.

Há uma única exceção: nesta seção, logo aqui em cima, em que, além da anunciada epígrafe de Mía Couto, sentimos a necessidade de acrescentar uma outra epígrafe: uma frase de Isabel que, com 9 anos, afirmou que nada escapa a um começo... e pareceu-nos importante incluir aqui essa afirmação para recordar o que uma criança disse quando era ainda mais criança (?!); também porque é algo assim como uma celebração da arte de começar e também uma epígrafe das epígrafes. Ademais, é uma inspiração para esta parte do texto pois ela nos impele a pensar nos inícios dos epígrafes que temos escolhido para começar, apresentar, cada parte do presente texto.

Dentre as epígrafes aqui apresentadas, há uma epígrafe das epígrafes, um início dos inícios do texto, a epígrafe do texto inteiro: tudo o que sou já fui na criança que sonhou ser tudo. É de uma força extraordinária e ilumina todas as nossas seções, toda a nossa escrita. Inclusive a seção sobre Paulo Freire, porque se retomamos essa passagem ali referida do diálogo com Myles Horton em que Paulo diz que ambos estão no começo, leremos que Paulo relaciona o começo ao sonhar e aos sonhos e conta seu primeiro sonho de criança. Quem sabe, o que estamos escrevendo seja nada mais e nada menos do que isso: um sonho de criança, um sonho da criança que sonhou ser tudo.

Podemos, então, entrar nas epígrafes de cada seção. Uma de cada vez. A primeira, Primeiras Palavras, título enganoso e promissor ao mesmo tempo, situa o espaço da escrita, onde serão desdobradas as próximas seções do texto. E a epígrafe faz notar justamente uma infância que extrapola não só a infância entendida como uma etapa da vida humana quanto a infância da humanidade, pois a epígrafe está referida a uma infância que diz respeito aos seres marinhos que ocupam o oceano inteiro e fazem desse oceano “um pátio de infância”. Começamos bem a seção: estamos num pátio de infância. Será a escrita, como um oceano, um pátio de infância para as letras e as palavras?

Uma vez apresentado o texto, começamos explorando um conto de Mía Couto: “O rio das quatro luzes”. É um conto singular, curioso, em que um menino deseja desfilhar como um

morto para poder sentir a tristeza que o morto gera. E a epígrafe justamente nos ajuda a pensar no significado da morte, em formas de relação com a morte e nos significados possíveis de mortes que não seriam mortes. Fins que seriam começos? E sugere uma forma de nascimento e feitura de si mesmo que está mais próxima da eternidade do que da morte. Haverá algo de fuga da morte e da busca da eternidade em nossa relação com a escrita e a leitura? Só de perguntá-lo ficamos arrepiados.

“De *infantia*, luzes e corações” é uma seção dedicada a uma primeira aproximação às epígrafes, através do conto de Mia Couto e de uma certa busca conceitual por pensar as relações entre infância e tempo e a tarefa política que significa, na escrita, na educação e nas artes, não esquecer que somos uma infância antes da infância das idades. Assim, a epígrafe chama a atenção sobre uma certa oposição entre tempo e futuro. Ou, para dizê-lo de outra maneira: parece que há um tempo, quem sabe justamente o tempo da *infantia*, que não necessita do futuro para sentir o tempo passar. Certamente, é um tempo interior ou anterior, um tempo que mora em nós, como uma recordação, uma deixa, uma pegada que podemos recuperar, quem sabe?, a qualquer idade.

A seção “Paulo Freire e o tempo da (pré) escola” tem a epígrafe mais extensa, o poema mais alongado. Aparecem nele algumas das temáticas já consideradas e mais algumas: uma mãe que habita o tempo das idades tentando dar razões a um filho que está num tempo sem idades. É um poema riquíssimo, povoado de lua e luares, lençóis que beijam, doenças na forma de tristezas, forças da vida e de uma suspeita: é o amor ou sua falta que nos fazem estar na posse ou na ausência do tempo.

Assim chegamos à última epígrafe, a epígrafe menos epígrafe? Ou a que epigrafa menos? Quem sabe? É, como todas as outras muito bonita. E de uma potência singular. Talvez por isso deixamos ela por último: porque reúne palavras e ideias que fomos espalhando pelo texto: o indizível; a voz que emudece; o que nunca nasceu; é uma única certeza, demorada, sem tempo, permanente: há um tempo menino que não sofre o passo do tempo; há uma vida menina que precisamos manter sempre viva; a nossa meninice nunca envelhece.

E parece que nada resta dizer depois da última epígrafe. Arribamos mesmo ao indizível. À infância. Só nos resta agradecer: aos nossos interlocutores primeiros: Mia Couto e Paulo Freire, que esperamos ter feito conversar meninamente. Aos nossos leitores e leitoras, que se chegaram até aqui é porque algo de sua infância sentiram que este texto de alguma maneira recordou. E, finalmente, um final que nos relança ao início, agradecer à infância por nos ajudar a encontrar novos sentidos políticos, estéticos, literários, existenciais à arte menina de educar.

Tinha terminado o texto e veio uma última e primeira recordação: o convite, que eu recebi da Marta, para um dossiê intitulado “Cem anos de Paulo Freire: resistências e utopias na construção de novas canções óbvias”. E me senti compelido a voltar a ele porque é talvez o início dos inícios: um convite, o que inaugura qualquer outra coisa e, mais ainda, um convite amigo, infantil. Espero ter honrado o convite e que a escrita presente seja sentida e lida como um ato de resistência e utopia, com a sua música infantil, própria de uma nova canção óbvia.

## Referências

BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

COUTO, Mia. O rio das Quatro Luzes. *In*: COUTO, M. **A menina sem palavra**. São Paulo: Cia das Letras, 2013, p. 127-132.

COUTO, Mia. **Tradutor de chuvas**. Alfagride: Caminhos 2011.

COUTO, Mía. **E se Obama fosse africano?** e outras interinvenções. Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

FREIRE, Ana Maria Araújo. "Foreword". In: WILSON, Tom; PARK, Peter; COLÓN-MUÑIZ, Anaida (eds.). **Memories of Paulo**. Rotterdam: Sense, 2010, p. xix-xxix

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017/1985.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Partir da infância**. Diálogos sobre Educação. São Paulo: Paz e Terra, 2011/1982.

FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. **We Made the Road by Walking**. Philadelphia: Temple University Press, 1990 [O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social. Organizado por Brenda Bell, John Gaventa e John Peters. Tradução de Vera Josceline. Notas de Ana Maria Araújo Freire. 1. reimp. Petrópolis: Vozes, 2018].

HILLESHEIM, Betina. Uma educação por vir: infância e potência. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 34, n. 123, p. 611-620, Jun 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302013000200016&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302013000200016&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 16 mar. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302013000200016>.

JULIANO, Dilma Beatriz Rocha. Infância como instância poética na prosa de Mía Couto. **Scripta Uniandrade**, Curitiba, v. 16, n. 2, p. 347-362, 2018.. Disponível em: <https://revista.uniandrade.br/index.php/ScriptaUniandrade/article/view/934/864>. Acesso em: 16 mar. 2021.

KOHAN, Walter Omar. **Paulo Freire mais do que nunca**. Uma biografia filosófica Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

KOHAN, Walter Omar. A infância da educação: o conceito devir-criança. In: KOHAN, Walter Omar. **Lugares da infância**: filosofia. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 51-68.

LYOTARD, Jean-François. **O inumano**. Considerações Sobre o Tempo. Lisboa: Estampa, 1989.

MARQUES, Moama Lorena de Lacerda. Os despropósitos de um menino-poeta: Infância e poesia em Manoel de Barros e Mía Couto. **Revista Crioula**. São Paulo, n. 12, nov. 2012, p. 1-10. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/57870>. Acesso em: 18 mar. 2021.

PEREIRA, Marcos Aparecido; MAGALHÃES, Epaminondas de Matos; ALMEIDA, Marinei. Quero um caixãozinho: a morte de crianças em contos de Mía Couto e Guimarães Rosa. **Scriptorium**. Porto Alegre, v. 5, n. 1, jan.-jun. 2019: e33120. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/scriptorium/article/view/33120>. Acesso em: 16 mar. 2021. DOI: <https://doi.org/10.15448/2526-8848-2019.1.33120>

SILVA, Marta Regina Paulo da; MAFRA, Jason Ferreira (org.). **Paulo Freire e a educação das crianças**. São Paulo: BT Acadêmica, 2020.

SKLIAR, Carlos; BRAILOVSKY, Daniel. dar infancia a la niñez. notas para una política y poética del tiempo. **Childhood & Philosophy**, Rio de Janeiro, v. 17, p. 01- 21, fev. 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/childhood/article/view/56316>. Acesso em: 16 mar. 2021. DOI: <https://doi: 10.12957/childphilo.2021.56316>